

Médio Oriente

## **Perversas ficções ou a linguagem do poder: a propósito de "Dreams and Delusions"**

Maria do Rosário de Moraes Vaz

No dia 25 de Setembro falecia Edward Said, intelectual, professor universitário e o mais proeminente defensor da causa palestina nos EUA. No último artigo que publicou em vida, no Al-Ahram Weekly da penúltima semana de Agosto, Edward Said retoma a crítica de sempre contra a ignorância arvorada em certeza – de inspiração divina e matriz assumidamente religiosa, na versão washingtoniana – e do fanatismo, sem nexo algum com a realidade, mas com uma imagem ficcional do outro fantasiada à medida dos fins próprios.

Isto a propósito do prejuízo, bem real esse, causado ao progresso da autodeterminação da Palestina, no entender de Said, pelo libéu de «terrorista» colado pelo líder republicano da câmara baixa do Congresso na testa colectiva do povo palestino. Fê-lo para justificar a rejeição liminar da criação de um Estado palestino, proposto e frouxamente defendido pelo presidente americano, invocando para isso, segundo Said, a sua qualidade de «sionista cristão», expressão que significa «além de apoio incondicional a tudo quanto Israel fizer, o reconhecimento do direito teológico do Estado judaico fazer o que achar por bem, sem olhar às consequências nocivas que isso possa ter para uns quantos milhões de “terroristas” palestinos.»

O discurso oficial americano que as afirmações do congressista texano hiperbolicamente caricaturam não seria tão nocivo, potencialmente, para tanta gente, se não fosse a matriz moralista e a conotação religiosa que os molda. São perniciosas as fantasias com que se oculta a realidade, o uso e abuso de termos de vaga conotação (desde o «terrorismo» ao «eixo do mal», denotativos de uma culpa formada antes do acto e passíveis de toda a punição, individual ou colectiva, dada a enormidade do crime contra a humanidade que supõem) porque «representam a linguagem do poder que não é fácil de contrariar na América», onde tantos cidadãos acham que aquilo em que acreditam, o que vêem e mesmo os seus actos lhes vêm por inspiração divina.

A linguagem do poder é porém a linguagem da potência mundial em que, para mais, Israel e a Palestina (e cada vez mais o Iraque, seguramente, e talvez, também, a luta contra o

terrorismo) são questões de política interna, e as decisões na matéria, que afectam milhões por esse mundo fora, são fortemente condicionadas por calendários e táticas eleitorais. Contra a hegemonia do discurso cujo pragmatismo não resiste ao exame atento, contra a flacidez dos conceitos fortemente ideologizados e a aceitação subserviente de ambas se insurge Edward Said. Há erros calamitosos, com graves consequências humanas, directamente imputáveis «à arrogante substituição da linguagem abstracta e em última análise ignorante à realidade, bem mais complexa e recalcitrante».

Em suma, nem a linguagem nem a realidade podem conformar-se a uma perspectiva única, e menos submeter-se à apropriação de uma única potência. «E quanto ao Médio Oriente, a discussão tem de incluir árabes e muçulmanos e israelitas e judeus em pé de igualdade... valores, definições e culturas ... não são nem propriedade de uns quantos funcionários em Washington, nem responsabilidade de outros tantos governantes na região.»